



COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - www.marillac.g12.br - marillac@marillac.g12.br

Portugal e Espanha: As origens da colonização

Fábio José da Silva

“Não existe pecado abaixo do Equador”, essa frase referida inúmeras vezes para fazer referência às Américas, em especial à América do Sul, de colonização espanhola e portuguesa já demonstra a maneira como ocorreu a colonização nessa região do Globo. Entretanto as colonizações lusitana e hispânica se são vistas no folclore como iguais em tudo, especialmente na incompetência, olhando mais de perto não foram semelhantes em tudo, guardando, cada qual sua especificidade no domínio das terras americanas. Nesse texto iremos explorar a herança desse comportamento ibérico, durante a colonização americana.

Olhando para a constituição social das nações americanas contemporâneas podemos observar como nosso comportamento, nossas aspirações, sonhos e desejos são, em certa medida, avessos e distantes do território que habitam os americanos. Sérgio Buarque de Hollanda chama a atenção para o fato de que a herança comportamental europeia seja ela oferecida pelas nações ibéricas – Portugal e Espanha. Segundo o historiador,

É significativa, em primeiro lugar, a circunstancia de termos recebido a herança através de uma nação ibérica [Portugal e Espanha] [...]um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantém como um patrimônio necessário. (HOLLANDA, 1995: 31)

Por território-ponte Hollanda entende a localização geográfica, uma das cinco penínsulas que formam a Europa, e isso acaba aproximando os ibéricos da África e, ao mesmo tempo, afastando-os das nações centrais europeias, o que lhes dá uma nuance diferenciada em relação as nações centrais do continente. A distância cultural é tão considerável que, antes das grandes navegações as nações ibéricas eram meros coadjuvantes na história europeia, em outras palavras, seu desenvolvimento cultural, moral, político foi sendo construído dissociado da história continental.

Se no continente o nome vale mais do que o homem, um título mais que o merecimento, segundo Hollanda, nas nações ibéricas um homem mede-se perante seus semelhantes, menos pelo título que possui e sim:

Da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes... – e as virtudes soberanas para essa mentalidade são tão imperativas, que chegam por vezes a marcar o porte pessoal e até a fisionomia dos homens. (HOLLANDA, 1995: 32)

Inferimos, portanto, que os ibéricos em vez de ficarem buscando honrarias pessoais, que lhes conferissem títulos partiam em busca de aventuras e novas possibilidades. Cabe aos homens reverter aquilo que a natureza ou o nascimento lhes negou, reconhecimento, podemos encontrar um pouco desse pensamento em um Sermão do padre Antônio Vieira, segundo Vieira caso o homem não tivesse um bom nascimento caberia a ele, e somente a ele corrigir a natureza e a desigualdade que reina neste mundo por acaso:

Homens humildes e desprezados do povo, boa nova! Se a natureza ou a fortuna foi escassa convosco no nascimento, sabeis que ainda haveis de nascer outra vez, e tão honrosamente como quiserdes: então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

[...]

Se havemos de tornar a nascer, por que não trabalharemos muito por nascer muito honradamente? Não nascer honrado no primeiro nascimento tem a desculpa de que Deus nos fez. Não nascer honrado no segundo, nenhuma desculpa tem: tem a glória de sermos nós o que nos fizemos. (VIEIRA, 1650)

A busca por reconhecimento não de títulos, mas de emoções, pode explicar muito do ato de navegar pelo oceano aberto, perdendo a terra firme como ponto de orientação ação iniciado pelos ibéricos. Se as viagens ultramarinas usaram as estrelas para se orientarem os ibéricos lançaram nos astros as suas aspirações, e, aparentemente, nada os faria mudar de idéia. Entretanto, ao mesmo tempo em que se valoriza o individualismo a cultura ibérica deixa de lado a organização social coletiva.

À Frouidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares da história das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil. Os elementos anárquicos sempre frutificaram aqui facilmente, e com a cumplicidade ou a indolência displicente das instituições e costumes. As iniciativas, mesmo quando se quiseram construtivas, foram continuamente no sentido de separar os homens, não da necessidade de se conterem e de se refrearem as paixões particulares momentâneas, só raras vezes da pretensão de se associarem permanentemente forças ativas. (HOLLANDA, 1995: 33)

Percebemos, portanto que a tradição cultural das nações ibéricas é a de “dar-se um jeito”, algo bastante conhecido, e até utilizado, pela maioria dos brasileiros, para não dizer de todos, que entre nós até ganhou um apelido diminutivo, “o jeitinho brasileiro”, que de diminutivo trás apenas o nome e o estrago que causa é em proporções superlativas. Entretanto, estabelece-se uma civilização nos trópicos que vive a “pecar” acreditando na máxima que abre esse artigo, “não existe pecado abaixo do Equador”, logo, abre-se a possibilidade de que tudo é permitido, desde que faça-se “com jeito”:

Em sua obra "O Que Faz o Brasil, Brasil?", o antropólogo Roberto Damatta compara a postura dos norte-americanos e a dos brasileiros em relação às leis. Explica que a atitude formalista, respeitadora e zelosa dos norte-americanos causa admiração e espanto nos brasileiros, acostumado a violar e a ver violada as próprias instituições; no entanto, afirma que é ingênuo creditar a postura brasileira apenas à ausência de educação adequada. Pode-se creditar à pouca-vergonha do brasileiro.

Roberto Damatta prossegue explicando que, diferente das norte-americanas, as instituições brasileiras foram desenhadas para coagir e desarticular o indivíduo. A natureza do Estado é naturalmente coercitiva; porém, no caso brasileiro, é inadequada à realidade individual. (WIKIPÉDIA: jeitinho)

Buarque de Hollanda afirma que esse sentido “*de hierarquia nunca chegou a importar de modo cabal entre nós*” (HOLLANDA, 1995: 35). Na ânsia por evitar privilégios baseados na tradição, dos quais imaginariam estarem excluídos, os ibéricos preferiram basear seu sistema de valores coletivos na idéia, igualmente subjetiva, do merecimento, “*nesse ponto, ao menos, elas podem considerar-se legítimas pioneiras da mentalidade moderna.*” (HOLLANDA, 1995: 35)

Esse modo de organizar a sociedade tem origem na formação do Estado lusitano, sem muito dinheiro, e, ao mesmo tempo, sem muita concorrência da nobreza estabelecida, a burguesia portuguesa tratou de ajeitar-se e relacionar-se com aqueles que estavam no poder do que tentar disputar com estes um domínio total e centrado apenas em seus valores. Isso significa dizer que, a ascensão burguesa que se deu pelo conflito em quase toda a Europa, em Portugal foi, relativamente, tranqüila e abalizada na tentativa de acomodar a todos nas benesses do poder.

Outro ponto em comum às sociedades ibéricas é a ojeriza que se tem ao trabalho, a atividade laborial, ordenada, classificada, executada em um espaço de tempo pré-determinada causa, nos povos de cultura ibérica, ainda hoje, um grande incômodo, muito em função de sua tradição religiosa ser baseada no cristianismo. Segundo Buarque de Hollanda: “*Sua atitude normal é precisamente o inverso da que, em teoria, corresponde ao sistema de artesanato medieval, onde se encarece o trabalho físico, denegrindo o lucro, o ‘lucro torpe’*”(HOLLANDA, 1995: 38) Essa relação com o trabalho não é

privilégio ibérico, durante a Idade Média algumas pessoas chegaram a estabelecer um rol de funções para cada classe social, segundo esses indivíduos caberia aos camponeses a tarefa de trabalhar para sustentar as outras duas classes, o clero, que era responsável pelas orações e a nobreza, responsável pela guerra e, contraditoriamente, pela manutenção da paz no reino. Segundo o depoimento do bispo Eadmer de Canterbury (1060 - 1124). Ao escrever sobre a necessidade do trabalho na sociedade medieval o religioso escreveu:

“A razão (de ser) dos carneiros é fornecer leite e lã; a dos bois é lavrar a terra; e a dos cães é defender os carneiros e os bois dos ataques dos lobos. Se cada uma destas espécies de animais cumprir a sua missão, Deus protegê-la-á. Deste modo, fez ordens, que instituiu em vista das diversas missões a realizar neste mundo (...). Instituiu os camponeses para que eles, como fazem os bois com o seu trabalho, assegurassem a sua própria subsistência e a dos outros” (Site educador Brasil escola)

Com a modernidade e o desenvolvimento nas regiões centrais e ao norte da Europa de um pensamento religioso baseado no questionamento do poder da Igreja romana a ética do trabalho é substituída pela visão protestante, ou seja, ganhar dinheiro, trabalhar deixa de ser uma vergonha, um castigo ou mesmo um mal, passa a ser uma das formas de se glorificar Deus, segundo João Calvino (1509-1564)

“Deus chama cada um para uma vocação particular cujo objetivo é a glorificação dele mesmo. O comerciante que busca o lucro, pelas qualidades que o sucesso econômico exige: o trabalho, a sobriedade, a ordem, responde também ao chamado de Deus, santificando de seu lado o mundo pelo esforço, e sua ação é santa.” (Site educador Brasil escola)

Se a ética do trabalho nunca vicejou com força nas terras americanas isso se deve ao fato de que os ibéricos mais do que apegados a uma rotina com regras e horários eram mais afeitos ao imprevisto e às variações do destino. Esse comportamento deixou marca na cultura de toda a América ibérica, como poderemos perceber nos próximos textos e nas próximas aulas.

Referências:

Livros

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermão da Primeira Domingo do Advento**. 1650.

Internet:

<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/o-cristianismo-reinterpretacao-trabalho.htm> Consultado em 07/05/2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jeitinho> Consultado no dia 07/05/2011.